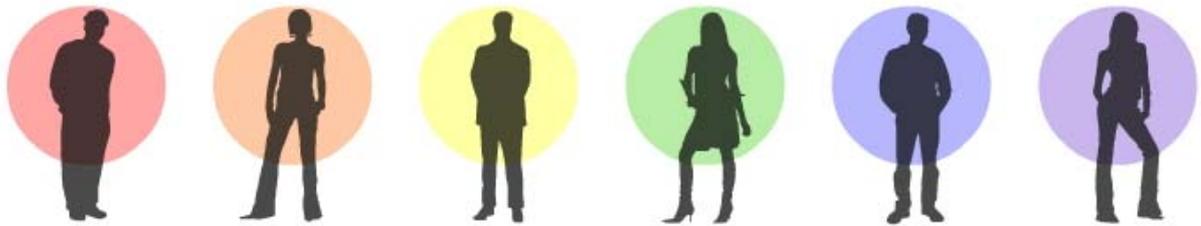




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

# Confissões de uma máscara

documentário multimídia



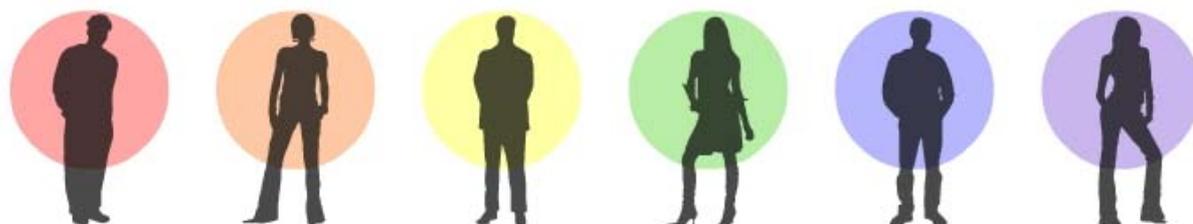
**Orientando: Welington Donizete Gonzaga  
Orientador: Prof. Ms. Juliano de Oliveira Pires**

**VIÇOSA / MG  
DEZEMBRO DE 2007**

WELINGTON DONIZETE GONZAGA

# Confissões de uma máscara

documentário multimídia



Viçosa, 07 de dezembro de 2007

## BANCA EXAMINADORA

Presidente

\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Juliano de Oliveira Pires (UFV/MG)

1º Membro

\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Kátia Fraga (UFV/MG)

2º Membro

\_\_\_\_\_  
Luís Antônio Neno Araújo (Chefe de Produção / TV Viçosa)

## AGRADECIMENTOS

“Não haveria espaço e muito menos memória suficiente para colocar nome e elogios a tantas pessoas especiais que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e de todas as conquistas que tive em minha vida. Sou eternamente grato por tudo o que aconteceu nos últimos quatro anos. Para quem não tinha Viçosa nos projetos de vida, hoje tenho certeza de que não seria a mesma pessoa sem Viçosa – e terei dificuldades em deixá-la. Não necessariamente Viçosa, mas todos os seres encantados que habitam essa terra. E não poderia deixar de agradecer aos meus pais, Geraldo e Altina, que sempre fizeram de tudo para que eu pudesse realizar o sonho de continuar estudando. Acho que hoje essa é uma missão que cumprimos juntos. Espero um dia poder retribuir a alguém tudo o que vocês fizeram por mim. Obrigado aos meus irmãos Danilo e Maria Paula que continuam me aceitando como irmão mesmo com a distância e a minha ausência. Aos meus avós, presentes e ausentes. Obrigado pelo amor, apoio, dedicação, carinho e, também, pelas saudades. Aos meus amigos. Àqueles da época do *Grupo de Cima* e do *Ginásio* em Nova Resende; da *Eletrô* em Mococa; e do *COC* em Ribeirão Preto. Aos amigos do primeiro emprego. E um obrigado especial aos amigos de Comunicação Social 2004 da UFV. Aos veteranos e aos calouros. Com certeza, esses foram os melhores anos da minha vida. Obrigado aos amigos de república, à Irene, aos amigos do teatro, aos amigos dos estágios e aos amigos de iniciativas empreendedoras. Obrigado também aos bons professores com quem tive o prazer de aprender tanta coisa. Ao orientador Prof. Juliano Pires por quem tenho imensa admiração. À Auxiliadora que é um anjo. Aos super amigos: Kamila, Piti, Fael e Lucas. Muito obrigado a todos que estiveram presentes em minha vida durante essa longa e inesquecível jornada que foi muito mais do que ultrapassar quatro pilastras.”

Wellington “Sininho” Gonzaga

## RESUMO

Projeto experimental que busca aplicar os recursos multimidiáticos e hipermediáticos para a realização de um documentário que aborda a homossexualidade em três diferentes produtos: um blogue (<http://documentariomultimedia.blig.com.br>), um DVD e um CD-ROM.

Palavras-chave: Multimídia, Documentário, Homossexualidade.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	05
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10
<b>2.1. O DOCUMENTÁRIO E AS NOVAS TECNOLOGIAS</b> .....	10
<b>2.2. A HOMOSSEXUALIDADE</b> .....	12
<b>3. RELATÓRIO TÉCNICO</b> .....	15
<b>3.1. PESQUISA</b> .....	15
<b>3.2. PRÉ-PRODUÇÃO</b> .....	15
<b>3.3. ORÇAMENTO</b> .....	16
<b>3.4. PRODUÇÃO</b> .....	18
<b>3.5. REALIZAÇÃO</b> .....	18
<b>3.6. PÓS-PRODUÇÃO</b> .....	19
<b>3.7. EQUIPE TÉCNICA</b> .....	20
<b>3.8. EQUIPAMENTOS</b> .....	20
<b>3.9. DADOS DO MATERIAL</b> .....	21
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	22
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	24
<b>6. ANEXOS</b> .....	26
<b>6.1. DIVULGAÇÃO</b> .....	26
<b>6.2. FOTOS DOS ENTREVISTADOS</b> .....	28
<b>6.3. ROTEIRO</b> .....	30
<b>6.4. CARTAS DE AUTORIZAÇÃO</b> .....	47
<b>6.5. BLOGUE</b> .....	53

## 1. INTRODUÇÃO

A utilização das novas tecnologias e suas ferramentas no campo da comunicação é um desafio para os profissionais da área, pois ocorre, atualmente, um período de transição de linguagens e de sistemas de transmissão de informações que exige intensa experimentação para se chegar a um novo conceito ou formato que, ainda assim, não estará pronto e acabado.

Desde a disseminação da internet e da revolução digital ocorridas durante a década de 90, uma nova tendência *comunicacional* vem sendo possibilitada de forma interativa e participativa que resulta numa linguagem inovadora e em contínuo desenvolvimento. A partir da interconexão mundial dos computadores, pessoas em diferentes e distantes partes do mundo – ainda que existam limitações de acesso devido a fatores econômicos e sociais – tiveram a oportunidade de trocar experiências e informações e, também, construir o conhecimento coletivamente.

E, neste contexto de transformação, está inserido o objeto de estudo deste trabalho: a produção multimídia, como técnica de apresentação de informações que recorre a diversos tipos de meios de comunicação – mesclando textos, sons e imagens estáticas e animadas – e, ainda, não somente como suporte técnico, mas também como dispositivo comunicacional capaz de suscitar transformações culturais, como defendido por Pierre Lévy:

“são os novos dispositivos informacionais (mundos virtuais, informação em fluxo) e comunicacionais (comunicação todos-todos) que são os maiores portadores de mutações culturais, e não o fato de que se misture o texto, a imagem e o som, como parece ser subentendido na noção vaga de multimídia” (LÉVY, 1999, p. 63)

Pensando numa transformação cultural através das ferramentas *multimidiáticas*, este projeto experimental desenvolve um trabalho de investigação sobre a homossexualidade e, a partir daí, utiliza os meios de comunicação como transformadores de pontos de vistas, como meios democráticos capazes de dar voz a um determinado grupo e transpor a homofobia que existe ainda nos dias de hoje.

O título *Confissões de uma máscara* foi escolhido para dar nome ao projeto como uma referência à obra do autor japonês Kimitake Hiraoka – cujo nome artístico era Yukio Mishima – que, em seu livro publicado em 1948, conta a história de um jovem homossexual que se esconde atrás de uma máscara para enfrentar a

sociedade. A referência parece pertinente se considerarmos que, em pleno século XXI, muitos são os personagens que precisam se esconder e tomar determinadas posturas que não as suas para serem aceitos num determinado grupo. E numa tentativa das máscaras não serem necessárias, durante a execução deste projeto procurou-se, de maneira participativa, discutir questões relacionadas à homossexualidade.

O termo *documentário multimídia* é uma expressão adotada para representar as características do material produzido, com suporte em veículos de comunicação de diferentes categorias (um blogue virtual<sup>1</sup>, um vídeo-documentário em DVD<sup>2</sup> e um CD-ROM<sup>3</sup>). Em cada uma das mídias e seus recursos disponíveis, procurou-se utilizar uma linguagem de caráter hipermidiático que, segundo LÉVY (1999, p. 56), “é constituído por nós (elementos de informação, parágrafo, páginas, imagens, seqüências musicais, etc.) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, botões, indicando a passagem de um nó para outro”.

A partir das transformações técnicas possibilitadas pelas tecnologias – notadamente pela internet – foi criado um espaço virtual e participativo, aberto a todos os públicos, para discutir assuntos relacionados à homossexualidade e, com base no material coletado e por meio de uma investigação jornalística foi estruturado um *documentário multimídia*.

As ferramentas disponibilizadas pela multimídia e hipermídia através dos avanços tecnológicos e digitais não são utilizadas, muitas vezes, de maneira eficaz na criação de produtos de comunicação que se propõem a trabalhar uma nova linguagem. A partir da disseminação da Internet, verifica-se a cada dia o lançamento de produtos de comunicação que chamam a atenção pelo seu ineditismo dentro da cibercultura – definida por Pierre Lévy (1999, p. 17) como o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem junto ao crescimento da rede mundial de computadores, ou ciberespaço – e, ao mesmo tempo, a ocorrência de alterações técnicas de maneira tão rápida que antes mesmo de uma linguagem se firmar como padrão, uma outra nova já é proposta como inovação sem explorar por completo os recursos da anterior.

---

<sup>1</sup> <http://documentariomultimidia.blog.com.br> (Ver imagem do blog nos anexos. Pág. 53)

<sup>2</sup> *Digital Versatile Disk (Disco Digital Versátil)*

<sup>3</sup> *Compact Disc Read-only Memory (Disco Compacto de Memória apenas para Leitura)*

A aceleração é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 1999, p. 28)

Concomitantes ao desenvolvimento das novas tecnologias, modificam-se também os conceitos atribuídos às produções em comunicação. Se anteriormente o conceito de documentário era permanente, como um tipo de produção capaz de retratar a realidade das ações humanas sem a inserção de elementos ficcionais, hoje este gênero está mais abrangente e flexível. Se tomarmos como exemplo a obra *Nós que aqui estamos por vós esperamos*<sup>4</sup>, de Marcelo Masagão, nos deparamos com uma produção do gênero documentário que utiliza, em sua maioria, de personagens ficcionais, textos e imagens de arquivos para contar a história do século XX – e nem por isso deixa de ser considerado documentário. A definição da obra como gênero documental pode ser entendida se a considerarmos como uma representação da realidade capaz de observar, registrar e ser fonte de conhecimento sobre esta mesma realidade, daí sua diferença da ficção.

(...) na ficção, os atores movem-se em cenários construídos para o efeito e atuam de acordo com o personagem que representam. A *mise en scene* ficcional exige encenação dos diferentes elementos que compõem a imagem de acordo com um certo critério visual. Constrói-se o ambiente que se entende adequado para apresentar o filme. Pelo contrário, no documentário os atores são atores naturais que atuam para o filme, do mesmo modo que atuariam se as câmeras não estivessem lá. Por seu lado, o cenário é o ambiente natural do mundo que nos rodeia. (PENAFRIA, apud GREGOLIN; SACRINI; TOMBA, 1999, p. 7)

Ao propor um trabalho capaz de incorporar as novas linguagens comunicacionais está-se, diretamente, submetendo à apreciação do público novas sensações perante um produto de comunicação. Estas novas percepções proporcionadas a quem interage com a obra é resultado da fusão de novos elementos e características que ultrapassam a simples transposição e tradução de uma mídia para outra. E para aproveitar o momento de transição de tecnologias é preciso experimentar e proporcionar novas capacidades de compreensão e de percepção, que ocorrem notadamente neste momento, quando:

---

<sup>4</sup> *Nós que aqui estamos por vós esperamos*, 1998, Brasil. Marcelo Masagão. 35mm, 73’.

(...) as capacidades de memória e de transmissão aumentam; quando são inventadas novas interfaces com o corpo e o sistema cognitivo humano (a realidade virtual, por exemplo), quando se traduz o conteúdo das antigas mídias para o ciberespaço (o telefone, a televisão, os jornais, os livros, etc.). (LÉVY, 1999, p. 25)

Em se tratando dos aspectos mais práticos, o cruzamento do filme com elementos inerentes à produção em vídeo, game, Internet ou CD-ROM, reflete definitivamente o exercício de um novo produto audiovisual que surge mesclando positivamente as linguagens. Mais cedo ou mais tarde, o processamento de todas essas manifestações da imagem em movimento se dará mesmo por vias digitais – e vai além, através de tecnologias ainda por serem inventadas. Os preconceitos também se dissipam. É tudo uma questão de tempo – e de avanço tecnológico. (BAMBOZZI, 2007, p. 9)

A partir da idéia de que as inovações tecnológicas proporcionam meios e ferramentas multimidiáticas e hipermidiáticas e do pressuposto de que temos à nossa disposição uma rede mundial de computadores para interconectar as pessoas, podemos levantar as seguintes indagações: são as novas mídias capazes de proporcionar na prática novas linguagens e conceitos para experimentação audiovisual durante a elaboração de um documentário multimídia? O ciberespaço pode ser definitivamente utilizado como uma arena de criação, de compartilhamento e de discussão capaz de influenciar a elaboração de um produto comunicacional?

Tal iniciativa só é possível nos dias de hoje devido à popularização da internet e ao gradativo desenvolvimento de uma linguagem baseada em hiperdocumentos – de modo que o usuário pode passar de uma informação para outra, conforme seu interesse. Nos anos 90, “as diferentes redes de computadores (...) se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial” (LÉVY, 1999, p. 32), surgindo assim “a construção de um espaço de trabalho e de comunicação cada vez mais transparente e amigável” (LÉVY, 1999, p. 33).

Este espaço de trabalho, ou ciberespaço, foi representado pelo blogue e se tornou o principal suporte para a criação e compartilhamento do conteúdo a fazer parte do documentário. E é neste contexto que intervém o principal conceito da cibercultura, definido por Pierre Lévy como inteligência coletiva.

Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem, melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição

humana resultantes da aceleração do movimento tecno-social. O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. (LÉVY, 1999, p. 29)

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. O DOCUMENTÁRIO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A opção pelo desenvolvimento de um documentário com características multimidiáticas e hipermidiáticas neste projeto experimental exigiu um breve conhecimento do conceito de documentário, das técnicas e teorias sobre as novas tecnologias de comunicação que podem ser aplicadas ao gênero documental, e, ainda, um trabalho de pesquisa sobre o tema abordado, no caso, a homossexualidade.

O gênero documentário existe desde o surgimento do cinema, no final do século XIX, com a criação do cinematógrafo pelos Irmãos Lumière e experimentou diferentes estilos e propostas ao longo de sua história. De maneira geral, segundo Manuela Penafria<sup>5</sup>, “o filme documentário é aquele que, pelo registro do que é e acontece, constitui uma fonte de informação para o historiador e para todos os que pretendem saber como foi e como aconteceu” determinado evento, numa tentativa de retratar e explorar a realidade. Porém, alguns autores ressaltam ainda que, assim como o cinema de ficção, o documentário não passa de uma forma de representação da realidade sempre carregado do discurso de seu realizador.

(...) o documentário sempre foi uma forma de representação, e nunca uma janela aberta para a “realidade”; o realizador sempre foi testemunha participante e fabricante de significados, muito mais um produtor de discurso cinemático do que um repórter neutro ou onisciente da realidade das coisas. (NICHOLS, 2005, p. 3)

(...) na evolução do documentário a disputa entre formas centrou-se na questão da “voz”. Por “voz”, refiro-me a algo mais restrito que estilo: aquilo que nos transmite o ponto de vista social de um texto, a maneira como ele nos fala ou como ele organiza o material que nos é apresentado. Nesse sentido, “voz” não se restringe a um código ou a uma característica, como diálogo ou comentário narrado. Voz talvez seja algo semelhante àquele padrão intangível formado pela interação de todos os códigos de um filme, e se aplica a todos os tipos de documentário. (...) todo filme é uma forma de discurso que fabrica seus próprios efeitos, impressões e pontos de vista. (NICHOLS, 2005, p. 3)

---

<sup>5</sup> Na enciclopédia virtual Wikipédia. Disponível em: <http://www.wikipedia.org>. Acesso em: 15 de outubro de 2007.

Porém, “o modelo de construção do documentário e sua linguagem evoluíram no decorrer do século XX graças, principalmente, ao desenvolvimento tecnológico” (GREGOLIN; SACRINI; TOMBA, 2002, p. 14) e essa evolução acontece até os dias atuais, quando propostas de documentário são desenvolvidas para veiculação em internet – os chamados web-documentários – e, de certa forma, ao empregar a interatividade e a participação de outras pessoas para a composição da “voz” no documentário, esta passa a ser mais fiel à realidade e menos entendida como o discurso do realizador. Sendo assim, atualmente podem-se ver produtos do gênero documentário que utilizam das novas tecnologias durante todas as etapas de realização: desde a elaboração de um roteiro de forma coletiva e compartilhada à distribuição e veiculação do produto final na rede. Diante dessas novas circunstâncias e inovações tecnológicas, novos conceitos referentes à linguagem devem ser entendidos:

Deve-se entender a hipertextualidade como o aprofundamento do tema abordado através de *links*, um caminho de comunicação ou canal entre dois componentes ou dispositivos. Ou seja, no decorrer de um texto produzido em um web-documentário, por exemplo, existem palavras ou elementos gráficos que podem “ligar” o internauta para outras instâncias ou etapas do conteúdo. Ao acionar os *links*, o sistema conduz o espectador a uma outra página que contém informações diversas e aprofundadas sobre o assunto. A hipermídia é uma outra possibilidade do suporte digital que pode ser observada através do aglomerado de mídias que um produto pode ter: texto, som, vídeo ou a combinação desses elementos. (GREGOLIN; SACRINI; TOMBA, 2002, p. 15)

As ferramentas utilizadas na composição da linguagem do documentário para internet ou para a mídia CD-ROM permitem – como resultado da aplicação de *links* e de diferentes mídias reunidas em um mesmo produto – a concepção de conteúdo de narrativa não-linear. A partir da não-linearidade de um documentário o internauta tem mais liberdade para escolher somente aquilo que deseja ver e na ordem em que desejar. Porém, vale ressaltar que todas as possibilidades de caminho a serem percorridas pelo receptor são pré-determinadas pelo autor.

No modelo convencional analógico, o espectador tem um caminho único e linear de fruição. Com o webdocumentário, ele passa a ter várias possibilidades de acesso e aprofundamento pelo conteúdo. É a interatividade que obriga ao documentarista desenvolver artifícios relacionados com o novo formato do meio e muita criatividade para

uma interlocução satisfatória com o receptor. (GREGOLIN; SACRINI; TOMBA, 2002)

Com esse novo modelo de produção, além de uma maior facilidade para produção e execução, há maiores oportunidades quanto à distribuição do produto que, via internet, pode ser acessado em qualquer parte do mundo. Apesar desses benefícios, produzir exclusivamente para internet ainda tem seu ponto negativo no Brasil, diante do fato de que no país o acesso à internet ainda é limitado – apenas 14,5% dos domicílios brasileiros estão conectados à rede<sup>6</sup>.

Além das facilidades técnicas, esse novo modelo de produção também tem como ponto positivo o barateamento dos custos de produção. Se anteriormente à revolução digital a produção de um documentário, por exemplo, envolvia uma grande equipe e um pesado investimento em equipamentos, hoje se tem uma redução considerável dos custos. Mas é na pós-produção de uma obra audiovisual que os recursos digitais mais auxiliam os realizadores.

O que garante um novo panorama, mais democrático, mais acessível e alentador para um jovem realizador de cinema, contudo, é a multiplicidade de formatos advindos dessas tecnologias, mas principalmente a perspectiva de novos canais de exibição como o que pode vir a ser a Internet. (BAMBOZZI, 2007, p. 4)

## 2.2. A HOMOSSEXUALIDADE

No que tange ao tema escolhido para ser abordado no documentário multimídia – a homossexualidade – trata-se de um tema bastante delicado e complexo que exige cuidados no momento da abordagem e da escolha dos termos a serem utilizados e, acima de tudo, no respeito aos homossexuais.

A homossexualidade é uma das possibilidades verificadas de manifestações da sexualidade e da afetividade humana. O termo homossexual, utilizado para identificar o indivíduo que sente atração sexual e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com indivíduo do mesmo sexo<sup>7</sup>, foi criado em 1869 pelo

---

<sup>6</sup> De acordo com a 2ª Pesquisa Sobre Uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação no Brasil, realizada pela TIC Domicílios, em 2006. Disponível em <http://www.cetic.br>. Acesso em: 15 de outubro de 2007.

<sup>7</sup> Segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, em sua versão on-line disponibilizada pelo portal virtual UOL.

escritor e jornalista austro-húngaro Karl-Maria Kertbeny. Deriva do grego *homos*, que significa "semelhante", "igual"<sup>8</sup>. Mas embora o termo seja recente, os registros de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo ocorrem desde a antiguidade.

Segundo E. Behte, o amor homossexual entre adolescentes foi praticado na antiguidade clássica pelos dóricos, daí os sinônimos como que é conhecido: amor grego, amor dórico. A prática era apanágio das classes nobres, estritamente proibida aos escravos que pagavam com a vida se a praticassem. Este amor era, por assim dizer, uma instituição oficial regida por leis severas. Aristóteles explicava a tendência homossexual, com exclusão da mulher, da sociedade grega como acauteladora medida contra o excessivo aumento da população. O grego era francamente bissexual: não só amava a mulher como o amigo. (DOURADO, 1967, p. 17)

Porém, em alguns momentos da história da humanidade a homossexualidade deixou de ser algo aceitável e passou a ser condenada.

A luta enérgica contra a homossexualidade começou com o judaísmo. O monoteísmo desenvolveu o monossexualismo. Além das razões religiosas, os judeus orientaram a questão sexual no sentido de procriação e enriquecimento em número da humanidade, condenando formalmente o vício helênico. O texto bíblico é claro em sua reprovação ao homossexualismo e o fogo divino foi a pena imposta a Sodoma e Gomorra. (DOURADO, 1967, p. 18)

A Igreja Católica impossibilitada de coibir a pederastia com recursos espirituais decidiu-se, no ano 342, a puni-la criminalmente. Desencadearam-se impiedosas perseguições. O homossexualismo tornou-se execrado vício, castigado com as masmorras e as penas eternas no inferno. Em plena Idade Moderna, ainda continuava-se a queimar vivos, em vários países, réus do então chamado "pecado nefando". O famoso processo sofrido por Oscar Wilde, em sua própria pátria, que procurou ignorar o valor intelectual do réu, nos diz da ferocidade com que se perseguiram os culpados em tempos nem por isso tão remotos. Muito mais modernamente um juiz londrino determinou que se queimasse o livro de Havelock Ellis *A Inversão Sexual*, diz Marañon. (DOURADO, 1967, p. 18)

Neste contexto de reprovação ao homossexual surgem, então, diversos estudos científicos tentando explicar a origem e a frequência da homossexualidade. Dentre os mais famosos destacam-se os estudos de Kinsey que, em 1949, popularizou a afirmação de que 10% da população humana teria uma orientação

---

<sup>8</sup> De acordo com a enciclopédia virtual Wikipédia. Disponível em: <http://www.wikipedia.org>. Acesso em: 15 de outubro de 2007.

homossexual<sup>9</sup>. Outras pesquisas com argumentações biogenéticas e psicológicas também tiveram destaque, ao ponto da homossexualidade ser considerada uma doença. Porém, desde 1973 a homossexualidade deixou de ser classificada como tal pela Associação Americana de Psiquiatria.

(...) na mesma época, foi retirada do Código Internacional de Doenças (CID). A Assembléia-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), no dia 17 de Maio de 1990, retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, declarando que "*a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão*" e que os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade.<sup>10</sup>

Avanços como estes marcam as conquistas dos homossexuais quanto aos seus direitos como cidadãos e diversas são as iniciativas, como a deste projeto experimental, focadas no combate ao preconceito e à homofobia – um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra a homossexualidade ou o homossexual.

---

<sup>9</sup> De acordo com a enciclopédia virtual Wikipédia. Disponível em: <http://www.wikipedia.org>. Acesso em: 17 de outubro de 2007.

<sup>10</sup> De acordo com a enciclopédia virtual Wikipédia. Disponível em: <http://www.wikipedia.org>. Acesso em: 18 de outubro de 2007.

### **3. RELATÓRIO TÉCNICO**

#### **3.1. PESQUISA**

A primeira etapa do trabalho foi realizada através de uma pesquisa bibliográfica acerca do tema abordado – a homossexualidade – e, também, uma pesquisa sobre as técnicas necessárias para a produção de um trabalho multimídia. Inicialmente, o tema idealizado para ser discutido no documentário foi “minorias”. Porém, como seria um tema muito amplo para ser abordado num documentário de curta metragem, optou-se por um tema específico.

Definida a abordagem da homossexualidade, a realização de leituras, participação de comunidades virtuais sobre o tema e o contato com material audiovisual (filmes e seriados) acerca do assunto foi importante para nortear quanto aos pontos a serem abordados no documentário e nas entrevistas. As leituras sobre as tecnologias da comunicação também foram importantes para contextualização sobre o que vem a ser um trabalho de caráter multimídia.

#### **3.2. PRÉ-PRODUÇÃO**

Durante a pré-produção foi definido qual seria o formato do vídeo documentário – que seria sustentado apenas por depoimentos dos participantes. Nesse ponto da pesquisa foram definidas quais pessoas seriam entrevistadas: seis homossexuais assumidos ou dispostos a assumir sua orientação sexual frente às câmeras. Inicialmente, foi idealizada a entrevista com três pessoas do sexo masculino e três do sexo feminino. Porém, devido contratempos e indisponibilidade de horários de alguns participantes, ficou fechada a participação de quatro homens e duas mulheres. Quanto ao número de pessoas a serem entrevistadas, seis foi a quantidade escolhida por três motivos: para não haver um grande número de participantes que dificultaria a realização e a finalização de um documentário de curta duração; a pouca disponibilidade das pessoas em assumirem sua sexualidade perante as câmeras; e, também, porque cada um dos participantes representaria uma das cores da bandeira do orgulho GLBT (acrônimo de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) – composta pelas cores vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo.

Não havia a necessidade dos entrevistados residirem em Viçosa, desde que tivessem possibilidade de deslocarem com recursos financeiros próprios – diante da indisponibilidade de recursos para produção. Porém, coincidentemente, todos os entrevistados residiam em Viçosa, o que facilitou a realização das entrevistas. Como única exigência foi colocada a necessidade dos participantes serem maiores de idade e dispostos realmente a serem sinceros com seus depoimentos durante a gravação da entrevista.

Além da divulgação da busca por personagens ter sido feita no blogue criado para o projeto, foi enviado também *release* aos veículos de comunicação local (*Tribuna Livre, Folha da Mata, Jornal da UFV e O Popular de Viçosa* – mas somente este último publicou texto sobre o projeto<sup>11</sup>). Foi também criado um e-mail ( *confissoesdeumamascara@gmail.com* ) para que as pessoas dispostas a participar entrassem em contato. E, ainda na busca pelos participantes, foram confeccionados pequenos *mosquitinhos*<sup>12</sup> que foram distribuídos em festas viçosenses para público GLBT. Ao final do mês de outubro os entrevistados já estavam selecionados:

	<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>
Entrevistado 1	André Luiz Pacheco de Oliveira	22 anos	Estudante
Entrevistado 2	Miriam Cristina Alves Costa	23 anos	Estudante
Entrevistado 3	Jairo Barduni Filho	26 anos	Estudante
Entrevistado 4	João Paulo Cordeiro Reis	25 anos	Antropólogo
Entrevistado 5	Carolina Lehner Machado	20 anos	Estudante
Entrevistado 6	Leone Boaventura Silva	20 anos	Estudante

### 3.3. ORÇAMENTO

Os custos levantados para a realização do documentário de baixo orçamento incluíam gastos desde a captação das imagens durante as entrevistas até a finalização do produto multimidiático. Como o projeto não contou com

<sup>11</sup> Veja o texto publicado no jornal *O Popular de Viçosa* nos anexos. (pág. 26)

<sup>12</sup> Veja os *mosquitinhos* de divulgação nos anexos deste trabalho. (pág. 27)

financiamento, apoio ou patrocínio de empresas e instituições, os custos foram arcados pelo próprio realizador do documentário.

Quanto à hospedagem e manutenção do blogue e dos arquivos (imagens, animações, documentos), procurou-se servidores gratuitos e de qualidade na Internet – o serviço de blogue utilizado foi o do Portal IG<sup>13</sup> e o armazenamento dos arquivos foi feito no YahooGeocities<sup>14</sup>. Os gastos inevitáveis foram os seguintes:

<b>Descrição</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Valor Unitário</b>	<b>Total</b>
Fitas Mini-DV JVC	5 unidades	R\$ 10,00	R\$ 50,00
Tecido verde (TNT)	6 metros	R\$ 1,50	R\$ 9,00
Tecido roxo (Oxford)	2 metros	R\$ 4,00	R\$ 8,00
Tecido vermelho (Oxford)	2 metros	R\$ 4,00	R\$ 8,00
Tecido laranja (Oxford)	2 metros	R\$ 4,00	R\$ 8,00
Tecido amarelo (Oxford)	2 metros	R\$ 4,00	R\$ 8,00
Tecido azul (Oxford)	2 metros	R\$ 4,00	R\$ 8,00
Fita adesiva	1 unidade	R\$ 1,95	R\$ 1,95
Impressão de projeto	2 cópias	R\$ 5,00	R\$ 10,00
Impressão de material de divulgação	10 cópias	R\$ 0,50	R\$ 5,00
Impressão de cartas de autorização	6 cópias	R\$ 0,10	R\$ 0,60
DVDs	5 unidades	R\$ 1,20	R\$ 7,20
CDs	3 unidades	R\$ 1,00	R\$ 3,00
Impressão de capas do produto	4 cópias	R\$ 1,70	R\$ 6,80
Impressão de rótulos de DVD e CD	4 cópias	R\$ 1,70	R\$ 6,80
Impressão de relatório técnico	3 cópias	R\$ 12,70	R\$ 38,10
Caixa para discos	4 unidades	R\$ 1,20	R\$ 4,80
			<b>R\$ 183,25</b>

<sup>13</sup> <http://www.blig.com.br>

<sup>14</sup> <http://geocities.yahoo.com.br>

### 3.4. PRODUÇÃO

Anteriormente à gravação das entrevistas foi realizada uma conversa com cada um dos participantes para apresentação da proposta do projeto – mesmo o projeto estando desde o início disponível on-line para consulta, uma conversa pessoal se fez necessária para que se conhecesse melhor cada um dos participantes e para que se esclarecessem dúvidas acerca do projeto. E desde o primeiro contato, o maior receio dos participantes era a veiculação de seus depoimentos na internet, mas foi esclarecido que nenhum material seria publicado sem o conhecimento e consentimento de cada um dos entrevistados.

Diante da falta de recursos financeiros para investir na produção do documentário, as entrevistas foram agendadas para gravação em estúdio improvisado. Os cenários das entrevistas – dialogando com o título *Confissões de uma máscara* – foram montados na estética dos confessionários dos programas de *reality show* da TV. Para isso, foi feita uma pesquisa sobre quais tecidos seriam mais viáveis para utilização no cenário durante as filmagens – o recomendado foi o tecido *Oxford*. As cores de fundo foram selecionadas de acordo com as cores da bandeira de orgulho GLBT. E além das dificuldades de estrutura houve também a dificuldade de agendar os equipamentos de filmagem e iluminação – diante da elevada produção audiovisual do curso e dos poucos equipamentos disponíveis.

### 3.5. REALIZAÇÃO

A locação escolhida por unanimidade dos entrevistados foi a residência do realizador do documentário – a justificativa de todos os participantes foi de que haveria manutenção da sua privacidade e se sentiriam mais a vontade estando com poucos conhecidos por perto. As questões abordadas durante as entrevistas foram formuladas a partir de leituras realizadas anteriormente sobre o tema e da participação e sugestão dos internautas através do blogue criado para o projeto. Além das perguntas que surgiram de improviso no contexto abordado, dependendo das respostas obtidas, alguns questionamentos foram estabelecidos para conduzir a entrevista, a saber:

01) *Apresente-se de forma breve para quem está lhe assistindo. Quem é você?*

02) Quando você se descobriu homossexual? Durante a adolescência? Como foi o processo de aceitação e de se assumir para os outros e para você mesmo?

03) Quando e como foram suas primeiras experiências: seu primeiro beijo e sua primeira relação sexual?

04) Caso tenha assumido a orientação sexual para a família e os amigos, acha que o relacionamento mudou depois disso? De que maneira?

05) Já sofreu algum tipo de preconceito devido à sua homossexualidade?

06) Na sua opinião, em geral, como a sociedade encara a homossexualidade?

07) Levando em consideração o título do projeto "Confissões de uma máscara", você acha que os homossexuais assumem posturas (ou máscaras) que não sejam essencialmente as suas para serem aceitos num determinado grupo – seja se assumindo ou não?

08) Quais máscaras a sociedade coloca no homossexual?

09) Como você encara a representação do homossexual na mídia brasileira?

10) O que você pensa a respeito da união entre pessoas do mesmo sexo?

11) Como você definiria o amor homossexual?

12) Qual mensagem você deixaria para combater a homofobia?

As entrevistas foram agendadas ao longo o mês de novembro – de acordo com a disponibilidade de cada um dos entrevistados<sup>15</sup>:

<b>Data</b>	<b>Entrevistado</b>	<b>Horário</b>	<b>Duração</b>
09/11/2007	André Luiz Pacheco de Oliveira	20 horas	42 minutos
12/11/2007	Míriam Cristina Alves Costa	20 horas	35 minutos
14/11/2007	João Paulo Cordeiro Reis	21 horas	1 hora
15/11/2007	Jairo Barduni Filho	10 horas	41 minutos
16/11/2007	Carolina Lehner Machado	14 horas	20 minutos
23/11/2007	Leone Boaventura Silva	14 horas	42 minutos

### **3.6. PÓS-PRODUÇÃO**

A última etapa de trabalho foi a de pós-produção, que incluiu atividades de decupagem de quase cinco horas de entrevistas, edição e montagem final dos produtos. Além da escolha de trilha sonora, efeitos especiais (para transmitirem a idéia de multimídia no vídeo) e outros elementos, foi necessária a gravação da

<sup>15</sup> Nos anexos encontram-se imagens dos entrevistados durante a gravação (pág. 28).

ficção que introduz o vídeo documentário. Foi feito, então, contato com uma atriz viçosense (*Jaqueline Brambilla*) e agendado um horário para gravação das breves cenas estabelecidas no roteiro ficcional.

Com o material todo coletado, foi o momento de partir para a edição – que foi realizada de modo não-linear utilizando o software *Adobe Premiere Pro 2.0*. Durante esse processo algumas imagens receberam tratamento quanto à cor, ao contraste e à iluminação. Finalizada a edição, foi feita a autorização do DVD utilizando o software *Sony DVD Architect 3.0*. A produção do CD-ROM foi realizada no software *Macromedia Flash 8*. A diagramação das capas e rótulos para os discos foi realizada no software *CorelDraw X3*.

### 3.7. EQUIPE TÉCNICA

Todo o processo de produção, entrevistas, operação de câmera, iluminação e áudio, bem como roteiro, edição e finalização ficaram a cargo do realizador do projeto: Wellington Gonzaga. A orientação ficou sob a responsabilidade do Prof. Ms. Juliano de Oliveira Pires.

### 3.8. EQUIPAMENTOS

Descrição	Quantidade
Câmera Digital Mini-DV para entrevistas	1
Câmera Digital Mini-DV para captura em PC	1
Tripé para câmera	1
Iluminação	2
Fitas Mini-DV	5
Extensão (10 metros)	1
Câmera Fotográfica	1
Cadeira pra entrevistado	1
Cenário (tecidos)	6

### **3.9. DADOS DO MATERIAL**

#### **DVD**

Duração: 24'41''

NTSC / Colorido

Áudio Stereo

#### **CD-ROM**

Para melhor desempenho do disco, recomenda-se:

Windows XP / Pentium 4 / 512 MB RAM / CD-ROM Drive;

Resolução de 1024x768;

Plugin Flash instalado (disponível no disco);

#### 4. CONCLUSÃO

De acordo com o material produzido ao longo de dois meses pôde-se chegar à conclusão que as novas mídias – quando bem utilizadas as suas ferramentas – são capazes de desenvolver produtos de linguagem muito mais atrativa para o público. Apesar dos produtos finais não possuírem a interatividade idealizada inicialmente devido às limitações técnicas e aos contratempos, ainda assim, pôde-se verificar a utilização dos recursos hipermidiáticos e multimidiáticos.

A internet se mostrou como espaço virtual capaz de oferecer às pessoas a oportunidade de demonstrarem seus pontos de vista e comportamentos que não teriam coragem de assumir em outras esferas. Também através da internet os internautas puderam participar e definir as características daquilo que veio a ser produzido em DVD e CD-ROM – uma mídia auxiliando no desenvolvimento do trabalho em outra.

O blogue<sup>16</sup> desenvolvido no projeto utilizou da interatividade para construir democraticamente e coletivamente as informações, sem que estas se tornassem monopólio ou exclusividade de um moderador.

A não limitação geográfica possibilitada pela rede mundial dos computadores viabilizou o compartilhamento de experiências à distância e a construção coletiva de um produto multimidiático.

A internet foi utilizada como meio de pesquisa, divulgação e como alternativa para se encontrar personagens. Houve o caso, por exemplo, de dois internautas, um de Salvador (BA) e outro de Belo Horizonte (MG), enviar e-mail pedindo para participar do documentário. Porém, essa característica de disseminar os conteúdos na rede foi, contraditoriamente, motivo de receio para alguns participantes, pois, concomitante ao fato de se ter um espaço para discutir idéias de interesse comum na rede, se tem a idéia de superexposição. Ainda mais na abordagem de um tema como a homossexualidade, que é considerado polêmico por muitas pessoas.

E mesmo com estes contratempos, puderam ser discutidas questões pertinentes ao cotidiano e ao comportamento dos indivíduos de acordo com sua orientação sexual. Foi expressa no documentário a maneira como os homossexuais

---

<sup>16</sup> <http://documentariomultimedia.blig.com.br> (Ver imagem do blog nos anexos. Pág. 53)

encaram a sociedade e como a sociedade encara a homossexualidade – do ponto de vista dos participantes. E levando em consideração o título do projeto – *Confissões de uma máscara* – foi verificado que além das posturas e máscaras adotadas pelos homossexuais para serem aceitos em determinados grupos – assumindo ou não sua orientação –, há também as máscaras impostas pela sociedade e, notadamente, pela mídia durante a representação do homossexual. Foi unânime entre os participantes, por exemplo, a opinião de que os meios de comunicação apresentam o homossexual entre dois extremos: o estereótipo do homossexual afeminado ou o indivíduo que mantém relacionamento com pessoa do mesmo sexo com um comportamento – ou uma postura – heterossexual. Sendo assim, o roteiro do documentário foi estruturado de maneira a mostrar como os homossexuais são pessoas comuns e, dessa forma, contribuir para o combate à homofobia.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBOZZI, Lucas. **Novos e digitais: considerações sobre a produção e a estética digital**. Disponível em: <<http://www.mostratiradentes.com.br>>. Acesso em: janeiro de 2007.

CETIC. Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação. **2ª Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cetic.br>>. Acesso em: 15 de outubro de 2007.

CONNELL, R.W. **The Men and The Boys**. University of California Press. Berkeley. Los Angeles.

DOURADO, Luiz Ângelo. **Homossexualismo e delinquência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

ESSENFELDER, Renato. Internet multiplica filmes feitos por fãs. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 de janeiro de 2007. Folha Ilustrada, p. 4.

GREGOLIN, Maíra, SACRINI, Marcelo. e TOMBA, Rodrigo Augusto. **Web-documentário: uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/tomba-rodrigo-web-documentario.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2007.

HERDT, Gilbert. **Same sex, different cultures: exploring gay and lesbian lives**. Westview Press.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MICHIMA, Yukio. **Confissões de uma máscara**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

PARKER, Richard G. **Abaixo do Equador**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário**. Lisboa: 1999.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário?. In: RAMOS, Fernão Pessoa. **Estudos de Cinema – 2000 – Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema)**. Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 2000. Disponível também em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2007.

REY, Marcos. **O roteirista profissional: televisão e cinema**. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2001.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo audiovisual: teoria e prática do jornalismo no Rádio, TV e Cinema**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Vozes Limitada, 1971.

WATTS, Harris. **On Câmera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. Tradução de Jairo Tadeu Longhi. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

## 6. ANEXOS

### 6.1. DIVULGAÇÃO

O POPULAR

---

## Documentário sobre homossexualidade

*\* Welington Gonzada*

“Sou estudante do 8º período de Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa, e estou desenvolvendo um projeto experimental como trabalho de conclusão de curso. A idéia é desenvolver em Viçosa um documentário multimídia com a temática da homossexualidade.

A iniciativa do projeto tem por objetivo a produção de um documentário que utilize os recursos multimidiáticos e hipermediáticos oferecidos por diferentes tipos de mídias na composição de um produto de linguagem inovadora. Já está disponível on-line um espaço de discussão que ajudará na composição do documentário. Trata-se de um blog (<http://documentariomultimidia.blig.com.br>) que pretende discutir questões pertinentes ao cotidiano e ao comportamento das pessoas de acordo com sua orientação sexual e, também, a maneira como estas encaram a sociedade e como a sociedade encara a homossexualidade. A partir do material coletado ao longo do trabalho pretende-se estruturar um roteiro para documentário que visa combater a homofobia e sensibili-

zar quanto à causa da diversidade afetivo-sexual.

“Confissões de uma máscara” é o nome do projeto. Tal nome foi escolhido como uma referência à obra do autor japonês Kimitake Hiraoka – cujo nome artístico era Yukio Mishima – que, em seu livro publicado em 1948, conta a história de um jovem homossexual que se esconde atrás de uma máscara para enfrentar a sociedade. A referência parece pertinente se considerarmos que, em pleno século XXI, muitos são os personagens que precisam se esconder e tomar determinadas posturas que não as suas para serem aceitos num determinado grupo. E numa tentativa das máscaras não serem necessárias, este projeto pretende, de maneira participativa, discutir abertamente questões relacionadas à homossexualidade.

Estou a procura de seis personagens maiores de 18 anos que sejam homossexuais e estejam dispostos a discutir o tema em frente à uma câmera de vídeo, para posterior edição de um documentário.”

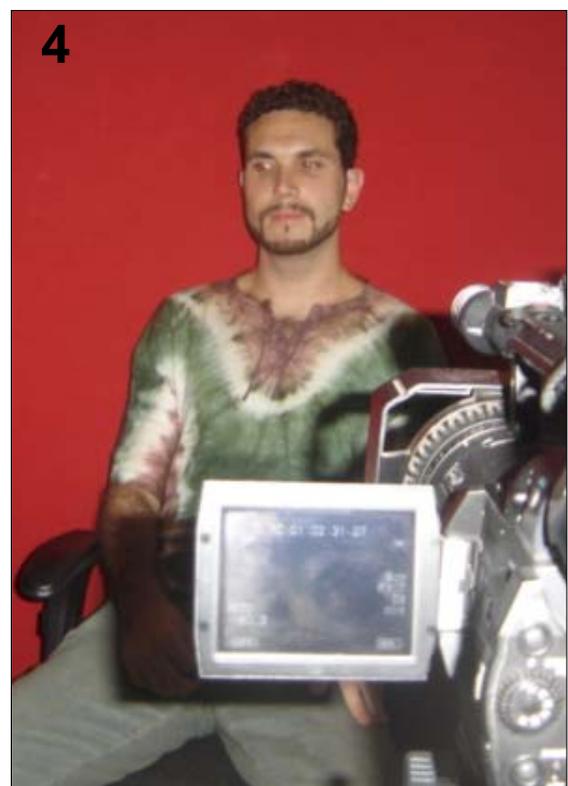
*\* Estudante do Comunicação Social - Jornalismo UFV*

*Texto publicado no jornal “O popular de Viçosa”, 08/11/2007*



Material de divulgação do projeto em festas GLBT em Viçosa

## 6.2. FOTOS DOS ENTREVISTADOS



1. André Luiz Pacheco de Oliveira

2. Jairo Barduni Filho

3. Carolina Lehner Machado

4. João Paulo Cordeiro Reis



5. Leone Boaventura Silva



6. Míriam Cristina Alves Costa

### 6.3. ROTEIRO

Roteiro: Confissões de uma máscara – Documentário Multimídia	
Autor: Welington Gonzaga	
Tela branca	
Logomarcas: Universidade Federal de Viçosa; Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes; Departamento de Artes e Humanidades; Curso de Comunicação Social – Jornalismo.	
GC	apresentam
GC	Confissões de uma máscara
Imagem de garota subindo escada correndo. BG: <i>The Man Of Metropolis Steals Our Hearts</i> , de Sufjan Stevens (somente 40" iniciais).	
Imagem de garota abrindo portão e correndo no hall do prédio.	
Imagem de garota subindo escada correndo.	
Imagem de garota abrindo porta do apartamento.	
Imagem dos pés da garota andando pelo corredor do apartamento (câmera seguindo), até chegar a um quarto e sentar em frente a um computador.	
Imagem de garota digitando.	
Imagem de garota olhando a tela do computador. Zoom in na tela. Surge o símbolo do documentário e a palavra iniciar. A garota clica em <i>Iniciar</i> .	
Tela branca	
André 01	Meu nome é André Pacheco. Tenho 22 anos. Sou estudante de Jornalismo.

Jairo 01	Meu nome é Jairo. Sou de Visconde do Rio Branco.
Miriam 01	Meu nome é Miriam. Eu faço História na Universidade.
Leone 01	Eu sou Leone. Faço faculdade de Sistema de Informação.
João 01	Eu sou João. eu venho de Nova Friburgo, né?
Carolina 01	Ah, quem é Carol. Carol é uma pessoa...
Transição: efeito de menu (infância, adolescência e homossexualidade) sendo clicado (idéia de interatividade). O clique é em <i>infância</i> .	
João 02 GC: João Paulo Reis, 25 anos	Eu tive uma infância que foi muito diferente dessa coisa da internet, do vídeo game, porque eu vivia mesmo era andando de bicicleta, brincando na lama, pescando, e fazendo essas coisas que nenhuma criança hoje faz, né?
Miriam 02 GC: Miriam Alves Costa, 23 anos	Minha infância foi muito normal. Eu sou adotada. Meus pais me adotaram quando eu tinha um ano mais ou menos. Mas, assim, foi sempre muito normal. Eu tive uma infância muito normalzinha: ganhava Barbie, casa da Barbie, brincava de boneca, tinha amiguinhos, primos, natal em família – coisa muito normal mesmo assim.
Carolina 02 GC: Carolina Lehner, 20 anos	Sempre brinquei de boneca com as meninas e de bola com os meninos e tal.
Jairo 02 GC: Jairo Barduni, 26 anos	Eu cresci nessas rodinhas de brincadeiras de rua, de futebol, vôlei, enfim, queimadas, essas brincadeiras de crianças.
André 02 GC: André Pacheco, 22 anos	Com relação à minha infância eu não sei definir um ponto ou outro ponto de homo... de características

	<p>homossexuais – até porque eu não acredito nisso. Mas eu tinha um pouco de feminilidade em alguns dos meus atos porque eu fui criado numa casa com muitas mulheres – então tinha minha mãe, tinha minha vó, tinha minhas duas tias, além de ter mais tias do que tios e mais primas. Então, acho que isso influencia, influencia um pouco em alguns atos comportamentais, agora sexuais eu creio que não.</p>
Carolina 03	<p>Foi uma infância boa. Até os meus 14 anos assim foi uma coisa legal, depois que foi dando uma reviravolta na vida assim.</p>
Leone 02 GC: Leone Boaventura, 20 anos	<p>Eu tive as minhas experiências, assim, com os meninos quando eu era pequeno.</p>
Míriam 03	<p>Na pré-adolescência eu não era muito igual às pessoas não – porque as meninas ainda eram bobinhas, tinha esse problema porque cidade pequena é muito machista. E eu não tinha muito esse problema junto comigo. Se eu tivesse vontade de fazer, eu fazia. Independente do que as pessoas iam falar, se minha mãe fosse descobrir, eu nunca tive esse problema comigo.</p>
Leone 03	<p>Para mim era normal, eu cresci, acho que sempre foi normal isso pra mim...</p>
Míriam 04	<p>As meninas ainda estavam brincando de boneca, eu queria beijar na boca. As meninas começaram a beijar na boca, eu queria transar.</p>
João 03	<p>Em termos de questão de sexualidade eu acho difícil falar isso porque eu fui completamente socializado num ambiente heterossexual. E pra mim a questão da homossexualidade não estava colocada assim. Eu nunca tinha parado pra pensar nisso. Eu nunca tinha tido interesse, não sofri por isso, não tive crises com isso.</p>

Carolina 04	Adolescência foi uma coisa mais complexa, assim, né, porque veio a fase de ser ou não ser. Aí já começou a perturbar a cabeça.
André 03	Mas isso, tipo, eu via meus coleguinhas ficando com meninas e eu tinha realmente vontade de ficar com meninas, mas também tinha vontade de ficar com menininhos – não, acho que mais com menininhos que com meninas.
Míriam 05	Eu achava muito legal homem beijando na boca de homem – porque eu achava sexy. Eu gosto de meninos tipo de cabelos compridos, que pintam a unha, que passam lápis no olho. Mas, assim, não, nada a ver, só estilo mesmo, nada a ver com orientação sexual deles. Eu achava interessante homem beijando na boca de homem.
Jairo 03	Pelo menos a minha descoberta pessoal, foram poucas pessoas que ficaram sabendo – apenas um amigo mais próximo, na minha cidade e só. Meus irmãos não sabiam, não ficaram sabendo pelo menos até um certo período e minha mãe também não.
Leone 04	E foi bem diferente assim quando, quando eu cheguei à decisão assim: sou gay, vou, tá, e ser mesmo, normal, beleza. Aí eu fui falar com as pessoas, assim, e o que você espera – o que o povo te passa, assim, é que quando você vai falar, a sociedade vai te discriminar, todo mundo, os seus amigos vão sair de perto e não sei o quê, mas não é assim. Foi bem ao contrário. Foi muito ao contrário, porque quem da minha família que eu achava que ia ficar mais próximo falou mais merda assim – falou coisa que eu não esperava escutar nunca.
André 04	Tipo, “ah, boiolinha!”. Foda-se. Sou boiolinha e o problema é meu. Se eu sou gordinho, o problema é meu. Se

	eu estou com um problema, com alguma coisa que as pessoas tacham, isso diz respeito apenas a mim.
Leone 05	Os meus amigos todos acharam normal, assim, não fez diferença pra ninguém. Já a família foi aquela coisa... falar não porque não sei o quê, se seu pai e sua mãe ficarem sabendo vão achar ruim, não vai ser legal pra eles. Eles vão ter que se acostumar assim com o tempo. E nem foi assim.
Jairo 04	A homossexualidade, o problema dela é realmente porque soa e destoa de uma sexualidade considerada normal, padrão pela sociedade.
Carolina 05	Eu entrei em depressão e fiquei quase um ano tratando com psicólogo, neurologista, neuropsiquiatra, e remédio, e anti-depressivo e tal, e tal, e tal. Mas aí eu fui percebendo que não adiantava, né, me encher de remédio para tentar curar uma coisa que não tinha cura.
André 05	Eu acredito que o gênero homem e mulher existe, mas as manifestações sexuais desse gênero, acho que as pessoas já nascem com isso e a sociedade, a vida que a pessoa tem apenas diz como a pessoa vai manifestar e lidar com esse tipo de situação.
João 04	Mas o que o conceito de gênero vai demonstrar ao longo da vida é que existem formas diferentes de se pensar o masculino e o feminino. A partir de uma lógica de pensamento ocidental, que é essa lógica de distinção binária que separa natureza e cultura, corpo e alma, público e privado, masculino e feminino.
Transição: efeito de menu (amigos, descobertas, família e experiências) sendo clicado (idéia de interatividade). O clique é em	

<i>experiências.</i>	
Carolina 06	Eu tinha conhecido uma menina que eu sabia que ela era homossexual e a gente estudava junto. Aí eu fui tendo interesse por essa menina, me senti apaixonada por ela. Aí a gente começou a se relacionar. Aí eu fui fugindo daquilo depois que eu tinha ficado. Eu falei: “não quero isso, não quero, não quero, não quero”. Até que teve um dia que eu olhei pra mim mesma e falei: “posso lutar o tanto que for que não vai adiantar em nada, porque realmente é isso que eu quero e é isso que eu sou”.
André 06	Acho que não foi assim como todo mundo fala: “Nossa, a primeira relação é traumática, é maravilhosa.” Pra mim, foi uma, como todas as outras.
Míriam 06	A primeira menina que eu beijei eu tinha 15 anos. Mas a primeira menina que eu beijei mesmo que foi para ficar, namorar, essas coisas, transar e tal, eu tinha 22.
Leone 06	Eu nunca soube quando foi que eu perdi a virgindade, assim, porque desde pequeno eu já... tive essas experiências com os meninos - porque não tinha as meninas também, era mais fácil os meninos.
Míriam 07	No começo do nosso relacionamento foi muito complicado porque eu tinha acabado de sair de um namoro – eu não estava preparada para namorar de novo. Aí já bate aquela coisa: não, porque eu nunca fui lésbica, porque eu ficava com meninas mas era de zoação; eu não namoro uma menina. Eu tive um pouquinho de problema com isso. Não de auto-aceitação, eu não tenho problema nenhum em ser nada, mas, assim, eu não queria. Não sei por que, mas eu não queria.
Carolina 07	Eu não tinha coragem de abrir o jogo com a minha mãe, assim, eu tinha

	<p>medo da reação dela. Mas aí ela sempre conversava comigo. Ela me pegava chorando e ela perguntava por que eu estava chorando e eu falava que era por causa de um homem. Assim, eu não tinha coragem de falar: mãe, eu estou chorando por uma menina que é isso, isso e aquilo. Aí eu escondi dela muito tempo até que em 2005 eu resolvi abrir o jogo pra ela.</p>
Míriam 08	<p>Eu acho que minha mãe deve desconfiar de alguma coisa porque eu sempre namorei – desde os 14 anos eu sempre namorei. Daí tem dois anos que eu não estou namorando. Daí ela sempre me pergunta: cadê seu namorado e tal? Mas, assim, eles nem desconfiam.</p>
Jairo 05	<p>As minhas irmãs, quando eu contei, elas praticamente já sabiam de mim. E o meu irmão não foi nenhuma surpresa pra ele. Então, após a minha, após eu ter revelado para eles sobre mim, ficou, continuou tranquilamente. É, eu acho até que fortaleceu um pouco da minha amizade com meu irmão – que não era tão forte quanto é hoje.</p>
Míriam 09	<p>Eu nunca fui de contar, eles nunca foram de perguntar. Então, mas assim, minha avó, nem desconfiam. Não desconfiam mesmo. Para ela, se alguém contar para ela, ela não acredita. Já contaram para ela uma vez que eu estava numa – falaram para ela assim. Eu estava no queijo de uma boate e eu beijei uma amiga minha. Aí não sei quem que estava nessa boate também que conhece a minha avó, ligou para ela e falou que eu estava em cima de uma mesa beijando uma garota. Aí ela ligou pra mim no outro dia e falou assim: “Míriam, mas você estava em cima da mesa” – aí eu pensei: em cima do queijo, mas tudo bem – “em cima da</p>

	<p>mesa beijando uma menina”. Aí eu: “Eu? Não vó, quê isso, está doida? Não, eu tenho namorado”. Aí ela: “Ah é, foi isso que eu falei. Mas que pessoa doida” e desligou.</p>
Carolina 08	<p>Assim, nem toda a família sabe, mas também não escondo. Se chegarem perto de mim e perguntarem se eu sou eu vou falar, mas se não perguntarem também eu não tenho o porquê de sair contando para eles.</p>
Míriam 10	<p>Mas assim, não que eu teria problema de me assumir pra ela, mas acho que não tem necessidade. Porque ela não ia aceitar – minha avó não ia aceitar mesmo. Ela acha que homossexuais têm desvio de caráter.</p>
João 05	<p>O quê que faz um homossexual? É o fato dele ter interesse por pessoas do mesmo sexo? É o fato dele ter intercurso sexual com pessoas do mesmo sexo? É o fato, como algumas pessoas vão dizer, dele pensar como um homossexual – e aí ele pode efetivamente não ser, mas ele pensa como um, né? Ou o fato dele agir e adquirir uma performance homossexual? Onde que está colocado isso? É difícil você pensar uma identidade colocada segundo esse parâmetro se você tem aí sujeitos plurais dando diferentes respostas para isso, né?</p>
<p>Transição: efeito de menu (homofobia, preconceitos, política, parceiros) sendo clicado (idéia de interatividade). O clique é em <i>homofobia</i>.</p>	
Leone 07	<p>Violência física eu já presenciei, assim, tipo, eu estava no Nico Lopes aqui em Viçosa beijando uma amiga minha que é andrógono – ela parece homem. (riso) Daí eu estava beijando ela e, do nada, vieram meus dois irmãos de voadora nela. Ela caiu no chão lá e eles danaram a bater nela. E tinha um</p>

	amigo deles da minha cidade também que estava aqui que ela disse que bateu – e que eu não duvido nada de terem batido também.
Carolina 09	Eu estava na festa lá em cima, na universidade, aí do nada chegaram três carinhas e começaram a me bater, a me chutar, me jogaram no chão e chute na boca, nas costas. Levei quatro pontos por dentro da boca, três pontos no queixo, duas costelas quebradas.
Leone 08	E na hora em que ela caiu no chão, eles descendo bicuda, eu pulei em cima deles dando chute também, só que os caras seguraram eles, puxaram a gente pra lá e separaram. Mas aí na hora em que eu cheguei perto dela estava a cara, a boca dela estava sangrando, assim, eu olhei para a cara dela e: “porra, quê isso que aconteceu? Não entendi nada”. Não entendi nada, eu fiquei olhando assim, fiquei olhando para os meus irmãos e olhei para ela assim: “quê que está acontecendo aqui?”.
Carolina 10	É pessoa de cabeça fechada – que não sabe se situar no mundo em que vive hoje, sabe?
Leone 09	Aí, assim, lotado de gente na Nico Lopes lá na UFV, cheio de gente e ninguém fez nada, sabe, o povo fica só olhando, sabe? Ninguém. O povo não se mete em briga que não é deles não.
Carolina 11	Nossa, eu chorei pra caramba. Eu me senti um lixo, um cão de rua, assim, mas aí eu fui procurar os meus direitos, entrei em processo com os caras, processando eles, né, para buscar, querendo saber o por que eles fizeram isso comigo. Aí rolou o processo, tal e tal, mas foi arquivado.
Míriam 11	Quando você vai fazer festa e você fala que a festa é gay, a festa fica mais cara. Eles falam que vão alugar pra

	<p>         você o lugar por 300 reais. “Que tipo de festa é?” “Festa gay!” “Ah, é 400”. Isso eu já vi. Gente que faz festa gay, que faz festa gay, eu já ouvi falar, de festa gay que as pessoas falaram: “Ah, não agüento mais esse povo. Mas eles pagam muito por uma festa”. Eu já ouvi falar isso. Não frequento o lugar mais. Isso me incomodou. Mas, assim, se me incomodar, na hora eu falo. Se eu tiver beijando a <i>boca dela</i> e alguém falar: “Aqui você não pode beijar”. Eu falo: “eu quero ver quem é que vai fazer eu parar”.       </p>
<p>Jairo 06</p>	<p>         Eu sofri discriminação ... dentro do alojamento porque... por aquela velha questão do... também ali de dentro, também há uma certa... há uma hierarquia e há aquela, aquela situação de terem também alguns perfis que são rejeitados – e entre eles, vamos dizer que o do homossexual, principalmente. Então, quando a gente entra num quarto no alojamento geralmente vem a entrevista e você responde aquele questionário, é, e costuma vir, é, questão de perguntar a opção sexual. Dessa vez não veio o questionário e eu acabei entrando no quarto tranquilamente, só que quando as pessoas do quarto perceberam, eu acho que elas ... é, quiseram voltar atrás e, enfim, pedindo pra poder sair – pra mim sair do quarto. Só que acabou que eu fiquei, continuei, permaneci lá porque eu procurei correr atrás dos meus direitos e obviamente eu tinha o direito garantido de ficar no quarto, independente da minha opção sexual ou não.       </p>
<p>Míriam 12</p>	<p>         Teve uma vez, no dia dos namorados do ano passado, eu fui no Shopping Calçadão e a gente foi... não tinha mesa lá fora e a gente sentou lá dentro. E eu lembro que todos os casaizinhos que estavam lá tinham uma vela. Aí, eu virei pro menino e       </p>

	falei assim: “Uai menino, cadê a minha vela?”. Aí ele olhou pra mim com o olho um pouco arregalado assim e falou assim: “não, claro, agora”. Foi, colocou a vela lá assim, numa boa.
André 07	Existe uma massificação preconceituosa contra os homossexuais – ainda bem que isso vem diminuindo com o tempo – mas, eu penso assim: a pessoa vai lá e descobre é homossexual. Ele já vê o mundo com um monte de problema que ele vai ter que passar.
Carolina 12	Eu já me escondi muito atrás de uma coisa que eu não era. Eu tinha medo das pessoas olharem para mim e dizer “ah, ela é homossexual, ela é isso”. Só que depois não, eu fui, sei lá, me aceitando assim, então, eu penso que não tenho porque esconder isso a ninguém.
Jairo 07	A sociedade vê os homossexuais como o quê? Como aquelas pessoas que são alegres, festeiras, enfim, que às vezes barraqueiras, aquelas pessoas... que são realmente até nocivas.
Leone 10	A coisa que a gente acaba tomando distância dos heteros, por causa disso, assim, porque eles ficam falando “mulher gostosa”, daí você está lá perto e você fica assim “eu vou falar homem gostoso?”. Se eu falar “nossa, que cara gostoso”, daí eles vão virar e falar “ai, que nojo”.
Transição: efeito de menu (sociedade, estereótipos, mídia e violência) sendo clicado (idéia de interatividade). O clique é em <i>mídia</i> .	
João 06	Porque as representações na mídia ou elas vão pro lado do estereótipo tradicional – da pessoa que tem trejeitos femininos, da pessoa que... ou que é, na verdade nem são trejeitos femininos, é uma exacerbação do que

	seria o feminino: a delicadeza, a leveza, o escândalo – que eu não acho que são características propriamente femininas.
Miriam 13	A representação do gay na mídia é ridícula. É ridícula – principalmente na mídia brasileira. Porque aquela novela <i>Paraíso Tropical</i> , aqueles dois, aquilo foi ridículo, quê que era aquilo gente? Sei lá. Eram dois... para mim era um casal de heteros.
João 07	Ou por outro lado você tem a idéia dos homossexuais que vão aparecer aí assumindo que possuem relacionamentos homossexuais, mas no nível da postura, do comportamento ou da performance são completamente heterossexuais: não convivem em espaços gays, não têm amigos gays, não estão dentro de uma rede de sociabilidade homossexual.
Miriam 14	Aí vem aqueles dois lá parados, eles não falam, eles não beijavam, eles não se pegavam, eles não iam num lugar, eles só tinham amigos héteros – que gay que só tem amigo hetero? Isso não existe. Existe um meio gay. É igual uma pessoa evangélica que vai ter só amigo ateu? Não combina, é a mesma coisa. Um monte de ateu vai freqüentar só lugar do Edir Macedo, não mistura assim.
André 08	Os poucos problemas que eu tive com relação à minha orientação sexual, elas vieram – não quando eu descobri, mas quando eu vim a externar isso e internalizar isso pra mim também. Eu pensava: quer dizer que por eu ser homossexual eu vou ter que uma “Vera Verão”, ou vou ser o “guarda Juju” d’A Praça é Nossa. Eu pensava isso, porque durante muito tempo a mídia colocou isso na minha cabeça.
Transição: efeito de menu (sexo seguro, doenças, amor, felicidade) sendo clicado (idéia de	

interatividade). O clique é em <i>sexo seguro</i> .	
André 09	Porque eu não acho que vale a pena você arriscar sua vida por trinta minutos de prazer.
Jairo 08	Isso acaba que fica muito uma coisa fundamentada: “ah, porque o gay tem que usar camisinha porque entre nós sempre tem mais probabilidade de ocorrer da AIDS e de outras doenças”. Eu acho que isso é um discurso que não tem que ser direcionado para um grupo. Ele é um discurso que tem que ser geral.
André 10	Eu acho que uma pessoa que transa sem camisinha é vergonhoso – hoje em dia é vergonhoso. Seja gay, seja hétero.
Leone 11	Eu tenho isso pra mim, eu só transo com camisinha, mas muitas vezes quando você vai transar assim o cara não põe a camisinha, ele não toma a atitude, você tem que ter a personalidade, tipo, você tem que, tipo, ter aquilo pra você e de colocar a camisinha, porque o cara não vai colocar, não vai incentivar a colocar. Tem muitos casos em que acontece isso, assim.
Míriam 15	Acho importante. Pelo menos quando eu era hetero para não engravidar, para não pegar doença. Eu acho que as pessoas são maiores de idade, elas tinham... se elas não gostam delas, aí fica difícil. Porque você tem que gostar de você. Porque eu acho que ninguém quer pegar AIDS – não sei se é interessante. E todo mundo já cansou de bater nessa tecla que tem AIDS, tem doenças venéreas, tem gonorréia, tem sífilis... no meio gay você não pode engravidar, mas ...
Transição: efeito de menu ( <i>sexo seguro, doenças, amor, felicidade</i> ) sendo clicado (idéia de	

interatividade). O clique é em <i>amor</i> .	
Jairo 09	(riso) Eu acho que o amor entre dois caras, assim, é uma coisa um pouquinho complicada, porque esbarra em várias questões. Esbarra, por exemplo, na questão dos dois estarem dispostos a assumir essa relação.
Míriam 16	Quando você se apaixona por alguém do mesmo sexo e assume para você mesmo, às vezes – é pra você mesmo que eu estou falando, nem é para a sociedade – mas você assume pra você mesmo que você está gostando dela, e vai lá conquistar e pegar... eu acho que você tem mais certeza que você ama. Eu acho mais forte. Eu acho mais legal.
Carolina 13	Eu, nesse momento agora, para a pessoa com quem eu estava, se, sei lá, tivesse uma palavra mais forte que amor eu usaria para explicar o que eu estou sentindo por ela.
Míriam 17	Os homens que eu conheço que namoram, eles são muito apaixonados. Eles se entregam muito mesmo. Eu fico vendo assim que não é assim, não que não seja – lógico que tem casais heteros muito apaixonados um pelo outro – mas eu vejo que como tem menos namoro nesse meio, quando têm eles são muito intensos assim.
Transição: efeito de menu (movimento político, direitos, união, felicidade) sendo clicado (idéia de interatividade). O clique é em <i>movimento político</i> .	
João 08	Hoje em dia você tem as Paradas de Orgulho Gay em praticamente todas as capitais brasileiras; algumas cidades de interior já têm as paradas gays.
Míriam 18	Eu acho assim, que, é até fútil sabe? A pessoa ter que fazer uma Parada Gay

	<p>para ver se alguém abre espaço para isso. Acho que isso devia ser uma coisa tácita. “Ah, ele quer casar com ele? Então tá, assina o papel aqui” Pronto, mais nada. Porque a união você tem: você briga, você paga contas juntos, você é companheiro, você é amigo, você é tudo junto de uma pessoa. Acho que... não tem diferença, assim, de relacionamento mesmo, nas coisas, não vejo diferença. Já namorei quatro homens e uma mulher. Não vi diferença nenhuma.</p>
Carolina 14	<p>Não existe o casamento hetero, veio? Por que que uma mulher e um homem podem casar e constituir uma família e por que duas mulheres não? E dois homens não?</p>
João 09	<p>São relações estáveis que trazem situações problemáticas às vezes no caso de adoção, esses outros exemplos que eu dei: às vezes você quer reivindicar o título num clube e você tem que pagar dobrado para ter esse título, quando na verdade você constitui em alguma medida uma unidade familiar.</p>
Carolina 15	<p>Igual um amigo meu, tem um casal de amigo meu de Juiz de Fora, tem quatro anos que eles estão na justiça para conseguir adotar uma criança. Aí, na semana passada eles conseguiram, e tal, e tal. E saca, eu bato palmas para eles assim, que eles lutaram, sofreram, mas conseguiram passar por cima de todos e conseguir o objetivo deles.</p>
Míriam 19	<p>Eu não sei porque as pessoas ficam tão preocupadas com a vida sexual das outras. Ninguém tem nada com isso. Deixa a pessoa casar gente, o quê que tem? O quê que vai mudar no mundo se o povo começar a casar homem com homem e mulher com mulher?</p>

<p>Transição: efeito de menu (homossexualidade, máscara, amor, mensagens) sendo clicado (idéia de interatividade). O clique é em <i>mensagens</i>..</p>	
<p>Míriam 20</p>	<p>Eu não acho interessante essa segregação sabe? As pessoas terem que ser alguma coisa: elas terem que ser gays... ah, já ouvi demais no meio gay: “nossa, mas aquele menino era gay e ele está pegando uma menina?” Os meninos ficam com raiva dele. Ele tem obrigação de ser gay porque ele é gay, a pessoa tem obrigação de ser hetero... se você pega um <i>agrob</i>oy, por exemplo, e um dia ele pegar um cara, nossa, coitado dele, né?</p>
<p>Leone 12</p>	<p>Eu acho que a gente tem que viver, assim, tipo, ser feliz sem ficar pensando que a gente é gay, sacou? Acho que a gente não tem que ficar pensando nisso o tempo todo.</p>
<p>Míriam 21</p>	<p>Sei lá, você tem desejos igual de comer brigadeiro. Acho que se você não tiver desejo de matar, de fazer coisas cruéis com outras pessoas, de cercar a liberdade das outras pessoas, eu acho que... é tanta bobeira de segregação sexual. Acho que sexo devia ser uma coisa tão natural – como é, né?</p>
<p>Carolina 16</p>	<p>Eu ia pedir para as pessoas abrirem os olhos, porque quando a pessoa é homossexual, ela sofre discriminação na rua, ou com um palavrão ou uma agressão física. Não pensa que fica por aquilo não, porque quando chega em casa o coração dói. A gente chora, assim, por estar sendo vista com maus olhos pelo mundo.</p>
<p>João 10</p>	<p>Eu acho que se a gente desfocasse um pouco da questão meramente sexual, da orientação sexual e se focasse em outras questões e se preocupasse com outras demandas</p>

	<p>muito mais urgentes, muito mais preocupantes do que o fato das pessoas estarem tendo relações homossexuais ou não, a gente daria mais conta de pensar a complexidade da vida e de respeitar a diversidade – não só a diversidade sexual, mas a diversidade em todos os seus critérios.</p>
GC: Roteiro, Direção e Produção - Wellington Gonzaga	
GC: Orientação - Prof. Juliano de Oliveira Pires	
GC: Entrevistados André Luiz Pacheco Carolina Lehner Machado Jairo Barduni Filho João Paulo Cordeiro Reis Leone Silva Boaventura Míriam Cristina Alves Costa	
GC: Agradecimentos Prof. Dra. Soraya Maria Ferreira Vieira Prof. Kátia Fraga Luis Antônio Neno de Araújo Maria Auxiliadora Rubim Luis Eduardo Silva Vitor Nascimento Secchin Jaqueline Brambilla Randy Razuq Daniel Aroni Fred Turunen Mariah Menezes Gilberto Corrêa Gustavo Machado Rafael Glass Lara Marques Jornal O Popular	
GC: Aos amigos de COM 2004, que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.	
GC: Viçosa – Minas Gerais. Dezembro de 2007.	

## 6.4. CARTAS DE AUTORIZAÇÃO

# Confissões de uma máscara

documentário multimídia

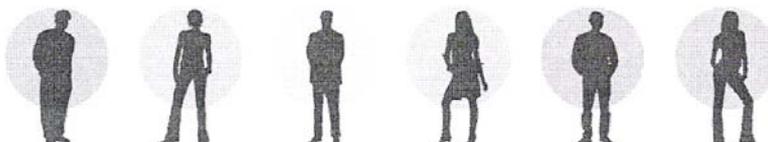
## AUTORIZAÇÃO

Eu, André Luiz Pechuo de Oliveira,  
portador(a) de cédula de identidade nº MG12250890, autorizo a  
Wellington D. Gonçaga a gravar em vídeo e veicular  
minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins  
didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer  
ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos  
fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer  
tipo de remuneração.

Viçosa, 09 de novembro de 2007.

Ass. \_\_\_\_\_



# Confissões de uma máscara

documentário multimídia

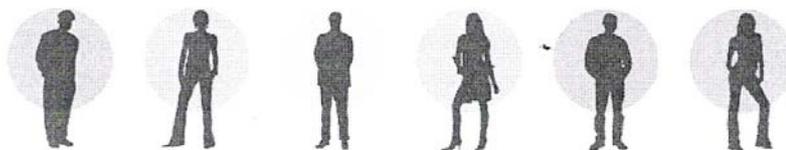
## AUTORIZAÇÃO

Eu, CAROLINA LEMMER MACHADO,  
portador(a) de cédula de identidade nº MG-13.951.857, **autorizo a**  
WELINGTON D. GONZAGA a gravar em vídeo e veicular  
minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins  
didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer  
ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos  
fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer  
tipo de remuneração.

Viçosa, 16 de NOVEMBRO de 2007.

Ass. Carolina Lemmer Machado



# Confissões de uma máscara

documentário multimídia

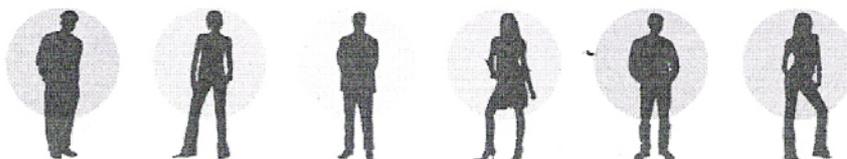
## AUTORIZAÇÃO

Eu, Miriam Cristina Alves Costa,  
portador(a) de cédula de identidade nº 13 232 603, **autorizo** a  
WELINGTON DONIZETE CONZAGA a gravar em vídeo e veicular  
minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins  
didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer  
ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos  
fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer  
tipo de remuneração.

Viçosa, 12 de Novembro de 2007.

Ass. Miriam Cristina Alves Costa



# Confissões de uma máscara

documentário multimídia

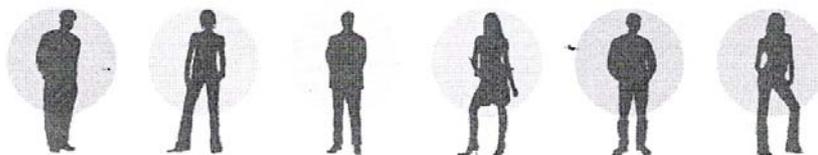
## AUTORIZAÇÃO

Eu, João Paulo Cordeiro Reis,  
portador(a) de cédula de identidade nº 13298209-1, autorizo a  
Wellington D. Gonzaga a gravar em vídeo e veicular  
minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins  
didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer  
ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos  
fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer  
tipo de remuneração.

Viçosa, 14 de novembro de 2007.

Ass. \_\_\_\_\_



# Confissões de uma máscara

documentário multimídia

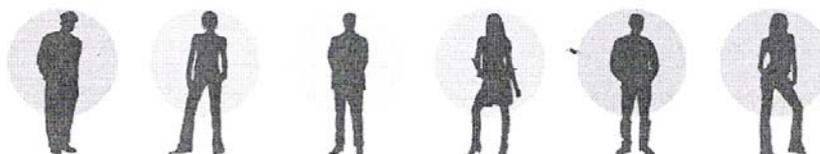
## AUTORIZAÇÃO

Eu, João Barduni Filho,  
portador(a) de cédula de identidade nº 12.707.841, autorizo a  
Wellington Denizete Gonzaga a gravar em vídeo e veicular  
minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins  
didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer  
ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos  
fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer  
tipo de remuneração.

Viçosa, 15 de Novembro de 2007.

Ass. 



# Confissões de uma máscara

documentário multimídia

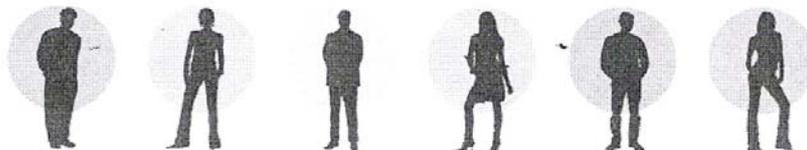
## AUTORIZAÇÃO

Eu, Leone Silva Boaventura,  
portador(a) de cédula de identidade nº MG-14.890.934, **autorizo** a  
Wellington D. Gonzaga a gravar em vídeo e veicular  
minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins  
didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer  
ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos  
fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer  
tipo de remuneração.

Viçosa, 23 de NOVEMBRO de 2007.

Ass. Leone Silva Boaventura



## 6.5. BLOGUE

Confissões de uma máscara - Documentário Multimídia :: Blig - O Mundo é de quem faz - O blog do - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://documentariomultimidia.blig.ig.com.br/> Ir Links

# Confissões de uma máscara

documentário multimídia



MÍRIAM ALVES COSTA  
23 anos

11/10/2007 12:57

### Sejam bem-vindos!

Este blogue é uma experiência multimídia de um projeto experimental idealizado por um estudante de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, como parte de um trabalho de conclusão de curso. A iniciativa tem por objetivo a produção de um documentário que utilize os recursos multimidiáticos e hipermediáticos oferecidos por diferentes tipos de mídias na composição de um produto de linguagem inovadora.

A partir desse espaço, pretende-se discutir questões pertinentes ao cotidiano e ao comportamento das pessoas de acordo com sua orientação sexual e, também, a maneira como estas encaram a sociedade e como a sociedade encara a homossexualidade. A partir do material coletado ao longo do trabalho pretende-se estruturar um roteiro para documentário que visa combater a homofobia e sensibilizar quanto à causa da diversidade afetivo-sexual.

A idéia é pensar uma transformação cultural possível através das ferramentas multimidiáticas e, com isso, desenvolver um trabalho de investigação sobre a homossexualidade e a partir daí utilizar os meios de comunicação como

- >> projeto
- >> contato
- >> links
- >> arquivos

Página Principal

01/12/2007 - 31/12/2007  
01/11/2007 - 30/11/2007  
01/10/2007 - 31/10/2007